Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra

CEP PA

BOLETIM INFORMATIVO 2023/2

CEPdePA - FILIADO A FLAPPSIP



Diretoria Biênio 2023/2025

Lores Pedro Meller
Presidente

Gustavo Gazzana Flores
Secretário

Claudio Carvalho
Tesouraria

Luciana Salgado Firpo
Departamento de Escola de Psicanálise

Ana Luiza Neuenfeldt
Departamento de Clínica Psicanalítica

Camila Terra da Rosa
Departamento Científico e de Eventos

Luciana Nunes de Nunes
Departamento de Biblioteca e Publicações

Ivete Maria Caon Biondo
Departamento de Administração e Informática

Viviane Leal Pickering
Departamento de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade

Denise Casara
Departamento do CEPSerra

Presidente do Conselho Diretor

Christiane Paixão

Editora

Luciana Nunes de Nunes

Comissão do Departamento de Biblioteca e Publicações

Camila de Lucena Iotti
Fábio Ramos Barbosa Filho
Lorete Mattos
Luciana Nunes de Nunes
Maurício Moroso Knevitz
Mikaela Machado
Patricia Stefani
Raíssa Ramos da Rosa
Paula Triches

Projeto gráfico e diagramação: Evangraf

*As opiniões publicadas neste boletim não expressam posições institucionais.

O tempo dos escafandristas

Luciana Nunes de Nunes

O final de 2023 se aproxima. Foi um ano de bastante trabalho. Retomamos o projeto da casa e realizamos um *open house* para que os membros conhecessem o local e o andamento da obra. Tivemos a jornada "Marcas da formação", com uma grande participação dos cepianos e com excelentes trabalhos apresentados pelos membros provisórios. Aliás, a presente edição do *Boletim* faz ressoar a força desse evento e das inquietudes inerentes à formação analítica por meio de vários textos. Participamos do XII Congresso Flappsip, "Psicoanalisis bordes y desbordes: transformaciones en tiempos de desmesura", com um número expressivo de trabalhos apresentados por cepianos. Além disso, realizamos a VII Jornada Científica do CEPdePA/Serra, intitulada "Entre as paixões e a crueldade: os ideais e as identidades".

O final de 2023 se aproxima. Foi um ano de retomada e de preparação. Nossos olhos miram o futuro. O ano de 2024 trará festa, mudança, desafio. Faremos 40 anos! Esperamos finalizar nossa casa e logo nos mudar. Escolhemos acolher, aprender e nos desassossegar recebendo pessoas por meio de um projeto de ações afirmativas. Quase 80 pessoas inscreveram-se para a seleção de 2024 no CEPdePA/Serra, 14 das quais pelo projeto Ananse.

O final de 2023 se aproxima e, às vezes, parece confundir-se com o final de determinada forma de vida que costumávamos chamar de "nossa". O respiro de vencer a Covid-19 e afastar um governo fascista do poder a nível nacional não aplacou o mal-estar, esse talvez mais insidiosamente pandêmico. As guerras que acompanhamos estarrecidos por nossas telas nos mostram que a pandemia de ódio, intolerância e horror não pode ser vencida em uma sociedade como a nossa, agenciada por um capitalismo neoliberal em que o tipo de política é a necropolítica.

Qual é a nossa implicação nesse ódio e nessa aniquilação das diferenças? Como nos conduzimos em nosso pequeno mundo cepiano? Nossas ações institucionais vão no sentido de apostar em uma forma de convivência que contemple as diferenças, descentralize os saberes, desmonte os privilégios, nos torne mais abertos.

Chico Buarque tem uma música que diz: "Não se afobe, não/Que nada é pra já/O amor não tem pressa/Ele pode esperar em silêncio/Num fundo de armário/Na posta-restante/Milênios, milênios/No ar". Escuto esses versos e penso nos efeitos do silêncio do amor. Ocorre a ideia de que o silêncio de espera do amor pode deixar o campo livre para a morte... Vontade de inércia de tempo?

O final de 2023 se aproxima. A despedida de nossa casa da Tobias também. Como cada um de nós está vivendo o fim desse tempo? Anunciou-se algum final para a nossa instituição. Final do CEP? Ou final de *um* CEP? A música de Chico continua: "E quem sabe, então/O Rio será/Alguma cidade submersa/Os escafandristas virão/Explorar sua casa/Seu quarto, suas coisas/Sua alma, desvãos".E quem sabe, então, o CEP será... alguma cidade submersa...

Penso nos escafandristas explorando nossas marcas, adivinhando nossa história, lendo nosso passado no nosso futuro, ficcionando nossos anseios. Que futuro será esse? Quais conquistas? Quais erros? O futuro contraposto ao passado. O futuro denunciando o fim e o início de todas as coisas. Lutos por fazer e espaços de invenção por construir. Chico Buarque segue cantando: "Sábios em vão/Tentarão decifrar/O eco de antigas palavras/Fragmentos de cartas, poemas/Mentiras,retratos/Vestígios de estranha civilização".

Um dos muitos momentos importantes vivenciados este ano em nossa instituição nos deu ocasião de lembrar a importância de dizer o que é, ou o que pretende ser, o *Boletim*. Como um informativo de circulação

interna, esta publicação tem a função de ser um canal de comunicação entre os membros das diversas categorias, um espaço em que vamos registrando e narrando, de forma crítica, a nossa história institucional. O *Boletim* é tanto a junção de nossos fragmentos, nossos vestígios, como a leitura dos sábios que se debruçam na decifração dessas marcas. São bem-vindas não apenas as produções de nossos membros, mas também críticas, questões, debates, testemunhos sobre a vida institucional. Do mesmo modo, o presente editorial conta *uma* história, que se oferece como um traço, e desde já fica, desejoso, à espera de escafandristas.

Referências

BUARQUE, C. Futuros amantes. 1993.

Argumento de capa

UM CEP EM TRANSIÇÃO

Camila Iotti

Escolher uma imagem é contar uma história. Memória e história são dois conceitos estreitamente interligados que nos auxiliam a reconstruir a narrativa dos acontecimentos passados para que seja possível inscrever vivências que se articulam como saberes de uma coletividade. Falar em história é falar sobre o tempo. Olhando para as últimas versões do Boletim informativo e da Revista do CEPdePA, tenho a impressão de estarmos gradativamente registrando e elaborando uma série de processos vividos que dizem respeito à nossa história. Nesse sentido, nossas produções escritas, especialmente o Boletim, cumprem a função de registrar nossas narrativas e, assim, imprimir uma memória cepiana.

A escolha da fotografia para a capa desta edição foi feita pelos membros da comissão como uma maneira de "deixar para a história" um momento em que foi possível adentrar os portões não só de uma outra casa física, mas, arrisco a dizer, de um CEP diferente. Diferente porque em um outro endereço, com outros tamanhos, outras possibilidades enquanto instituição. Mas, ainda assim, o "mesmo", porque lá seguiremos sendo nós — ainda que nunca sejamos sempre os mesmos. Mas e aí... o que entre nós não mudou? O que mudou radicalmente? Quais serão os mal-entendidos que seguirão nos acompanhando? Como nos vemos diante das mudanças dos últimos anos? Percebemos que crescemos? O que vamos ganhar e o que vamos perder? Quais foram as perdas e os ganhos dos últimos anos? Damo-nos conta de que estamos nos despedindo de algo? Do quê? Como estamos lidando com a ideia de que algo estará diferente?

Entendo que questões como essas fazem parte do trabalho de transição que, ainda que muitos não percebam, já estamos vivendo. Como transita em cada um a relação com a instituição — e, sobretudo aqui, com a(s) mudança(s) — é algo a ser pensado. As fotografias, os boletins, as revistas, os livros... são também o produto das nossas elaborações. São o registro que fica da nossa história. Viver é rasgar-se e remendar-se, já dizia Guimarães Rosa. E, para mim, a psicanálise opera numa espécie de rasgadura mesmo. Não porque nos parta ao meio, mas porque nos impede de permanecermos sempre os mesmos. Seguros da nossa história, apostar em como seremos: essa me parece uma boa saída.



Palavras do presidente

Lores Pedro Meller

É com satisfação que, por meio do nosso boletim, me dirijo aos 354 membros do nosso CEPdePA/Serra. Ao ressaltar o número de sócios, quero evidenciar que o CEP é uma instituição grande, das maiores instituições psicanalíticas de nosso meio, de nosso estado e de nosso país. Além de possuir esse grande número de associados, tem uma história sólida de quase 40 anos de transmissão, clínica e formação em psicanálise, com um trabalho reconhecido e respeitado, de grande reputação em todos os meios.

O que fez o CEP chegar aonde chegou sem dúvida foram os pilares levantados na sua fundação: estava nascendo uma instituição psicanalítica que deveria ser democrática, plural e sem um dono. Para isso, foi fundamental a constituição dos estatutos democraticamente elaborados que regem o funcionamento institucional. É claro que, ao longo desses quase 40 anos, desafios e crises foram enfrentados, e nem sempre nossos estatutos nos auxiliaram a resolver os impasses, sendo necessário, de tempos em tempos, rever nossas leis. Com a recente crise institucional, se constatou a necessidade de fazer alterações, acréscimos aos estatutos. Propostas serão levadas para a apreciação na assembleia geral dos membros.

Posto isso, quero dizer que nestes poucos meses na presidência estivemos envolvidos numa série de atividades científicas e administrativas e em muitas reuniões, atividades essas descritas aqui no *Boletim* pelos diferentes departamentos. Mas eu gostaria de destacar a reunião com os membros provisórios convocada pela escola, da qual eu participei e na qual vários assuntos foram levantados, todos muito importantes. Porém, pode-se constatar um hiato entre os membros provisórios e a Diretoria: evidenciou-se a falta de um espaço de escuta. Os membros provisórios não se sentem escutados em suas demandas, em suas inquietações; logo, um lugar de fala e escuta precisa ser aberto urgentemente, em especial para aqueles que aqui estão fazendo sua formação e que vivem o dia a dia institucional.

Outra situação que eu gostaria de ressaltar – que parece óbvia e está transbordando – é a questão da análise pessoal dos membros provisórios. Temos de nos debruçar sobre esse delicado assunto. Que lugar ocupa esse que é o principal pé do tripé na formação aqui no CEP?

Quero encerrar agradecendo a todos e todas que foram conhecer a nossa nova sede e constataram que somos grandes, sim, e que, apesar das crises, a nossa estrutura é sólida o bastante para dar continuidade a uma psicanálise séria e comprometida.

Um grande abraço!

Palavras da Diretoria

Caros cepianos, ao longo da nossa recente gestão, nos reunimos em diversas ocasiões para pensar juntos, como grupo de trabalho, a importante tarefa de organizar e administrar uma instituição sólida, séria e complexa que conta com mais de 300 membros e quase 40 anos de existência: o nosso CEPdePA/Serra. A seguir, temos algumas notícias oriundas dos diferentes departamentos sobre o andamento da instituição.

O Departamento da Escola de Psicanálise do CEPdePA/Serra, nesses primeiros seis meses da nossa gestão, ocupou-se de sustentar e promover aproximações entre os integrantes da escola. Somos muitos e estamos em duas cidades! Por meio de atividades realizadas por outros departamentos e pela Diretoria como um todo, foram colocados em circulação alguns temas que nos são caros, como a importância da escrita na psicanálise e, neste momento histórico do nosso CEP, a questão da urgência das ações afirmativas na formação psicanalítica. Do ponto de vista teórico, abraçando as propostas do grupo de trabalho Ananse, referendado pelo nosso conselho na gestão anterior, fizemos um trabalho com os coordenadores de seminários, no sentido de contribuírem para o letramento racial de todos nós. Nos nossos seminários, estão sendo trabalhados textos psicanalíticos de autores negros e indígenas. A maior parte de nossos coordenadores se interessou pela proposta. Na jornada dos membros provisórios e nas reuniões da escola em Porto Alegre e Caxias, escutamos as vozes plurais dos nossos membros provisórios, engajados que são com o acontecer institucional. Estamos iniciando a composição da Comissão de Seleção, que trabalhará no processo nos próximos dois meses, e, a seguir, iniciaremos a composição da tão esperada Comissão de Revisão dos Currículos dos nossos programas de seminários. Por fim, pensamos ser relevante noticiar que recebemos manifestações de resistências institucionais relativas à trajetória e à participação dos colegas chamados "leigos". Ainda que o CEP tenha se ocupado do debate antes de definir seu posicionamento institucional e sua ação sobre a análise leiga, há alguns anos, pensamos que também há demandas de diálogo, reflexão e cuidado com nossos pares, assim como será com os colegas que ingressarão pelo projeto de ações afirmativas. O CEP ganha com a maior diversidade e pluralidade!

O Departamento de Grupos e Relações com a Comunidade atualmente conta com 26 grupos de estudos, que tratam de diversas temáticas da psicanálise, tendo seis vagas ocupadas pelo projeto de ações afirmativas. Nestes primeiros seis meses, realizamos quatro ciclos de estudos e retomamos a atividade do CEP Estudante na modalidade presencial. Neste semestre, a comissão também realizou, com a ATITUS-Educação, mais um CEP Conexão, atividade ministrada por psicanalistas cepianos e direcionada a acadêmicos. Junto ao departamento CEP/Serra, foi realizado, com a Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), um ciclo de estudos cuja proposta era que os psicanalistas cepianos trabalhassem com os acadêmicos de psicologia os conceitos básicos da psicanálise em nove encontros. A comissão segue trabalhando ativamente, pensando em propostas que suscitem interrogações, promovendo aberturas e discussões que avancem o fazer psicanalítico em nossa instituição.

O Departamento Científico tem articulado eventos que façam a palavra circular dentro de nosso CEPdePA/Serra. Em julho, fizemos o lançamento do projeto Ananse para a comunidade, que contou com as falas de Augusto Paim, Ignacio Paim Filho, Lores Meller, Bárbara Rocha e Rafaela Degani. Foi um rico momento de trocas e reflexões sobre o trabalho que já ocorre em nossa instituição e que terá como marco a entrada de novos colegas negros e/ou indígenas. Em setembro, ocorreu a IV Jornada dos Membros Provisórios — Marcas da Formação, com a temática "O que é uma formação em psicanálise?". Mais uma vez, foi um momento de tensionar teoria, técnica, ética e questões institucionais. Contamos com 14 trabalhos inscritos e com a presença de 95 membros em nossa

instituição. Em outubro, ocorreu uma atividade em parceria com o Departamento de Biblioteca e Publicações, "A urgência como interrogante do sintoma nos diferentes tempos", que contou com a presença do psicanalista paulista Kwame Yonatan Poli dos Santos, bem como com a participação dos nossos convidados Alexei Indursky e Carolina Mosqueur, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa), e dos cepianos Fábio Ramos e Maria Liane Porn Dutra. Foi um momento de nos interrogarmos por que a urgência é interpretada como pressa e de podermos refletir a partir da proposta de Emicida: "É tudo para ontem". Contamos com diversas terças científicas, que até o momento versaram sobre a temática das babás, da psicanálise e da decolonialidade, e do nomadismo no século XXI, essa última tendo sido conduzida pela Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (Flappsip). Também tiveram destaque os trabalhos ganhadores dos prêmios Doro e Tutti. Convidamos a nossa instituição para um novo momento de discussão na jornada do CEPdePA/Serra, nos dias 27 e 28 de outubro. Intitulada "Entre as paixões e as crueldades: os ideais e as identidades", a jornada contará com a presença dos psicanalistas Paulo Passos e Taiasmin Ohnmacht para debatermos os cem anos do texto "O eu e o id". São tempos importantes para nos instigar a refletir sobre nossa prática clínica e nosso fazer político/cultural.

No Departamento da Serra, nesses seis meses de trabalho, procuramos seguir investindo na transmissão da psicanálise e nos espaços de fala dos que fazem parte da nossa casa. Abrimos espaço na escola para que os membros provisórios pudessem se colocar em reuniões com cada ano da formação. Seguimos pensando nossa clínica psicanalítica, que segue muito viva, recebendo muitos encaminhamentos, inclusive de crianças e adolescentes. Seguimos pensando também na possibilidade de o SIACEP se constituir aqui na Serra, e apresentamos o trabalho do Grupo de Estudos da Infância e Adolescência em dois momentos: em um encontro científico interno e em outro momento na cidade de Bento Gonçalves. O Departamento de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade também tem trabalhado intensamente: promoveu o Sarau Cultural, com o lançamento de três livros de colegas cepianos; planejou, organizou e vem realizando o CEP Conexão com os alunos da Unesc; e tem estimulado que outros espaços de estudo e transmissão da psicanálise sejam implementados com seriedade e comprometimento. Temos o projeto de abrir espaço para o CEP nas cidades da Serra: Farroupilha, Bento Gonçalves, Vacaria, Gramado e Canela. Com o Departamento Científico, estamos planejando e organizando nossa jornada bianual. Teremos um encontro preparatório para estudarmos o texto freudiano "O eu e o id", que esse ano completa cem anos de publicação e será a base da jornada. Estamos trabalhando para que a nossa biblioteca possa aumentar seu acervo de livros para consulta ou empréstimo. E também seguimos cuidando da casa-sede da Serra em Caxias, fazendo as manutenções necessárias; principalmente, estamos próximos às nossas colaboradoras. Temos trabalhado em parceria com toda a diretoria, pensando juntos para que possamos seguir construindo nossa jornada de escuta e portas abertas.

O Departamento de Biblioteca e Publicações segue trabalhando para viabilizar espaços e meios de troca de conhecimento e cultura. Realizamos novas aquisições de livros para o nosso acervo, estamos na etapa final da produção de nossa revista e, em seguida, convidaremos a comunidade cepiana para escrever para o nosso próximo livro. No primeiro semestre, realizamos a publicação interna dos *Cadernos do Simpósio 2023*, compostos por trabalhos apresentados nas mesas em nosso simpósio anual, com o objetivo de fazer memória das reflexões críticas sobre a nossa história institucional. Também contribuímos, em parceria com os Departamentos Científico e de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade, para a realização de eventos a partir de publicações de autores cepianos. A escrita rica, consistente e diversa de nossos membros deu o mote para discutirmos diversas temáticas. Discutimos teoria, clínica, cultura e relações sociais, contando com a participação de colegas de outras instituições. Assim, em maio apresentamos o

trabalho *Gramáticas do masoquismo*, do colega Sander Machado, com a participação do convidado Norton Rosa Jr. Em agosto, conversamos sobre a escrita e o divã em psicanálise a partir do livro *A escrita científica no divã*, da colega cepiana Ana Cláudia Meira, ocasião em que convidamos Lucas Krüger para o debate. No mês de setembro, tivemos um encontro poético para celebrar a produção literária dos colegas Léa Thormann, Rafaela Degani, Luciane Slomka e Paulo Ferraz. Foi um encontro afetivo, conduzido pelo cepiano João Vitor Jaeger, em que contamos com o convidado Celso Gutfreid e com a beleza da exposição de fotos de Lia Zanini. E em outubro falamos sobre relações raciais, em um importante debate que contou com o trabalho do cepiano Fábio Ramos intitulado *O discurso antiafricano na Bahia do século XIX* e com a produção dos convidados Kwame Yonatan, Carolina Mousquer e Alexei Indursky. Nesse necessário momento de letramento racial, a cepiana Maria Liane Porn Dutra contribuiu com suas questões e reflexões.

Nestes seis meses, o Departamento de Administração e Informática se deparou com tomadas de decisão muito ao nível do imediato, diante das necessidades. As decisões basearam-se nos recursos disponíveis, levando em conta as informações fornecidas e visando a atender às demandas de todos os departamentos e colaboradores. Pudemos nos inteirar melhor das informações passadas pelo colega Rodrigo Boettcher. O CEP cresceu de todas as formas. Temos um tecido administrativo muito bem cerzido pelos nossos colegas que estiveram neste lugar. Talvez tenha chegado o momento de fazer uma costura, dando forma a esse tecido. Agradecemos ao colega tesoureiro Cláudio pelo apoio, e fazemos também um agradecimento muito especial à nossa equipe de colaboradores: Carolina, Daniel, Renata, Carmem, Ana Margarete, Mikaela, Suênia, Ana Franciele e Maria, que receberam a nova diretoria com disponibilidade e atenção.

A Clínica, como um dos espaços do coletivo institucional, segue viva e pulsante com todas as questões que implicam o fazer psicanalítico e a cada um de nós, atravessados pela ética e pelo trabalho consequente e implicado. A Clínica é um espaço de escuta para a comunidade e também necessita ser um espaço de escuta e fala para seus membros; este vem sendo um dos propósitos desta diretoria: escutar as demandas institucionais, dando espaço para a reflexão a partir dos conteúdos emergentes. Partindo dessa premissa, pudemos atender ao chamamento de representantes dos colegas membros provisórios e pretendemos seguir e ampliar os pontos de contato entre a Diretoria e a Clínica. A retomada pós-pandemia dos atendimentos presenciais segue sendo um desafio importante para todos nós e para nossa clínica em especial. Acreditamos que a transferência necessita do corpo do analista como borda (mesmo com as experiências fundamentais do atendimento *on-line* em um momento da mais pura urgência, como foi a pandemia), e por esse caminho pensamos na nossa clínica voltando à materialidade das presenças.

Aproveitamos a oportunidade para lembrá-los da nossa tradicional festa de confraternização, que ocorrerá no dia 19 de janeiro de 2024, uma sexta-feira, na sede do CEPdePA/Serra. Será um momento festivo para brindarmos juntos a amizade e a parceria entre os membros, e também para celebrarmos o encerramento dos quatro anos de formação em psicanálise dos colegas de Porto Alegre e da Serra, e para darmos as boas-vindas aos colegas que ingressam no primeiro ano em 2024.

Aguardamos todos vocês!

Palavras do Conselho Diretor

Christiane Paixão

Colegas,

o Conselho Diretor vem trabalhando em duas direções. Estamos implementando a revisão dos regimentos que orientam o trabalho dos departamentos e a revisão do estatuto social. Além disso, estamos acompanhando o trabalho da diretoria e da comissão da sede própria.

O CEP vem crescendo, somos seguramente a maior instituição de psicanálise de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, e com isso também passamos a lidar com problemas que antes não tínhamos. Daí a necessidade de um olhar mais atento para os documentos que regulam o bom funcionamento da instituição.

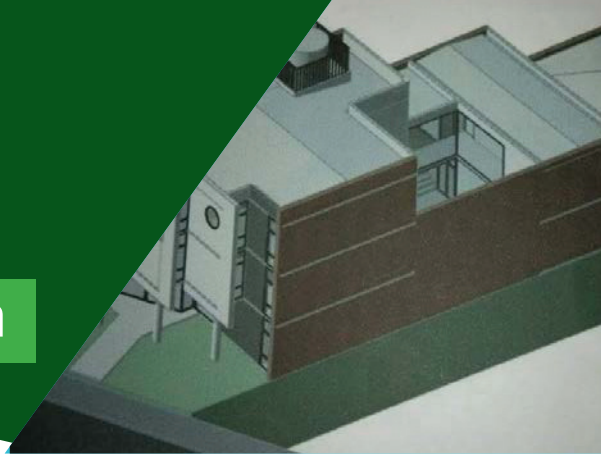
Para operacionalizar a revisão dos regimentos, escolhemos iniciar pelo regimento da clínica, uma vez que encontramos quatro regimentos diferentes sobre o seu funcionamento. Será criado um grupo de trabalho heterogêneo e representativo para repensar o regimento promovendo mudanças no que for necessário. Assim que completarmos o trabalho com a clínica, voltaremos nosso olhar para a escola.

Para a revisão do estatuto, também será criado um grupo de trabalho. Por exemplo, precisaremos elaborar as normas para a eleição da diretoria, tendo em vista que na última eleição houve dúvidas sobre alguns pontos que não estão descritos no estatuto.

Outro tema que ocupa o grupo de conselheiros é a construção da sede própria — mais especificamente, o empenho da comissão da sede própria para buscar alternativas à finalização da construção do prédio. Um primeiro passo foi dado na assembleia geral extraordinária de 12 de setembro, em que foi apresentada a proposta de buscar um empréstimo adicional de R$ 800 mil junto à cooperativa Unicred. Para tornar isso viável, a diretoria apresentou aos sócios o relatório financeiro dos cinco meses da gestão, detalhando o fluxo de caixa e demonstrando a capacidade de pagamento do CEP para fazer frente à prestação do financiamento. Tão logo tenhamos o retorno da Unicred, será convocada uma nova assembleia.

O Conselho é um espaço para exercitarmos o debate sobre assuntos que envolvem o andamento da instituição como um todo e sobre temas relacionados aos rumos do CEP; por isso,agradeço aos colegas presentes nas reuniões. Trabalhamos para manter a unidade cepiana, para favorecer um convívio harmônico entre ideias divergentes e para sustentar a psicanálise que praticamos, pois o maior patrimônio de uma instituição são os seus membros. Vamos em frente!

Abraços!



sede própria

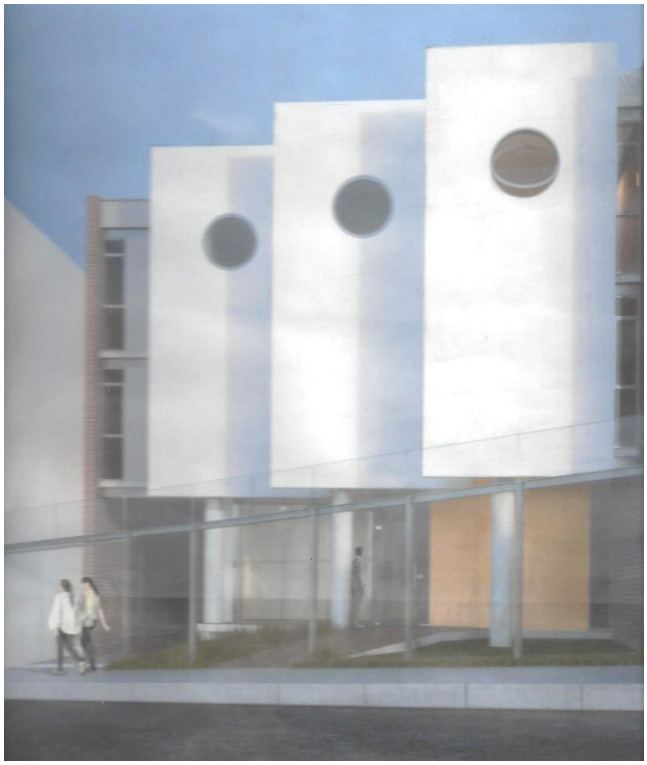
A Comissão de Sede Própria quer, por meio destas fotos, mostrar a toda a população cepiana o estágio em que se encontra a construção de nossa sede. Os três andares estão erguidos, toda a estrutura está pronta. Quem pôde visitar a obra no *open house* constatou e pôde comprovar o adiantado da construção. Falta muito pouco para a conclusão.

Queremos ressaltar nossa alegria pelos membros do CEPdePA/Serra que estiveram conhecendo a obra; infelizmente, como mostra uma das fotografias, eles não puderam conhecer o seu interior.

Mas valeu o gesto.









Serviço Psicanalítico das Psicoses

Ana Luiza Neuenfeldt, Cláudio de Carvalho, Laura Jaskulski, Leonardo Francischelli, Lorete Mattos, Luciana Firpo, Luciana Nunes e Viviane Pickering

Nos últimos meses, realizamos duas atividades abertas à comunidade cepiana. No mês de junho, contamos com a colega Manuele Araldi, que dividiu conosco, de forma entusiasmada e vigorosa, a sua extensa experiência no atendimento em saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS). Na atividade intitulada "Letramento em atendimento psicossocial (CAPS) e seus desdobramentos: pode o SPP inserir-se nesta rede?", discutimos a intersecção entre a rede de atenção à saúde mental e a psicanálise. Nos meses de agosto e setembro, envolvidos com a implementação do projeto Ananse, nos ocupamos do estudo do livro *A psicose: um estudo lacaniano*, sob a coordenação da colega Luciana Nunes de Nunes. De autoria de Neusa Santos Souza, psicanalista, mulher, negra, baiana, esse livro é uma contribuição fundamental para o estudo e a clínica das psicoses.

O SPP segue aberto aos colegas que desejarem discutir casos clínicos conosco, bastando contatar qualquer membro do grupo. Nossas reuniões acontecem nas quartas-feiras às 8 horas.



Marcas da formação, marcas de (de)formação

Sueli Souza dos Santos

O evento que nomeamos "Marcas da formação" privilegia a exposição de reflexões dos colegas dos quatro primeiros anos do curso de formação psicanalítica do CEPdePA/Serra. No entanto, não existe qualquer impedimento à participação daqueles que já tenham concluído essa etapa e queiram oferecer suas contribuições. Neste ano, "nossas marcas" reuniram um conjunto de textos apresentados por colegas que, por meio de suas produções textuais e sua disposição para compartilhar suas reflexões, nos deram a dimensão do que se produz nos diversos espaços de discussão dos grupos em formação.

Somos feitos de marcas, inscrições, no intercurso com um Outro. Esse Outro, escrito com maiúscula e no singular, podemos atribuir às marcas da cultura, da linguagem, bem como de ideologias, crenças, etnias, gêneros e transmissões geracionais, com suas mitologias familiares. E, com relação à instituição CEP, entra em cena a apresentação de diversas correntes teóricas da psicanálise, para além de Freud. Essas transmissões, enquanto marcas subjetivas e singulares — e/ou ainda coletivas ou sociais —, determinam as relações do sujeito enquanto um eu dividido. Um eu imaginariamente uno e também diverso, fruto da somatória de experiências vividas, decorrentes da realidade social de onde provêm.

Marcas de identificações nos equívocos das idealizações e cicatrizes traumáticas pelos desencontros com os ideais, marcas das dissoluções das fantasias com um eu imaginário e os outros eus, marcas perseguidas em um suposto paraíso perdido. Afinal, os desencontros consigo mesmo são processos inevitáveis, posto que o inconsciente é o lugar do não-eu, como nos ensina Lacan.

Essas marcas, inscrições que forjam nossas identificações nas vivências com os primeiros objetos amorosos e com os núcleos de pertencimento social, têm suas consequências, determinando também as escolhas relacionadas a outros destinos, como os "Da experiência analítica à formação do analista" — cito como inspiração aqui o título do prefácio do livro de Maud Mannoni (1989).

A autora, ao longo dessa obra que é uma referência para a reflexão de quem se aventura nos estudos teóricos e na prática clínica da psicanálise, questiona: "o que, no curso do trajeto de um analisando, faz dele um analista?" (MANNONI, 1989, p. 7). A partir dessa interrogação, formulo o título do presente escrito.

MARCAS DA FORMAÇÃO

Aproximamo-nos dos 40 anos do CEP, dependendo do ponto em que estabelecemos sua fundação, tentando ser herdeiros de Freud ou seus filhos bastardos — portanto, filhos não legítimos dos filhos, e dos filhos de tantos outros filhos amados e por vezes rejeitados pelo pai, de uma prole que tentava construir uma Babel para chegar a ser imagem e semelhança do pai. Muito depois do caminho inaugurado, construído e trilhado por Freud, aqui estamos.

Já se havia consolidado o campo do saber psicanalítico, suas formulações conceituais, os tortuosos construtos dos modelos explicativos das formações do inconsciente em suas tra-

mas. A psicanálise, desde a sua criação, exigiu — e segue exigindo — que a tomemos como um caminho de pesquisa sobre seu objeto fundamental, o inconsciente.

Inconsciente que não é nada que possa dizer de si a não ser pela negatividade; trata-se de uma instância de inscrições, fragmentos, significantes que insistem em se mostrar no evanescente da lalangue. Dizendo de outra forma, as pegadas deixadas pelo Outro são evanescentes, como uma pegada na areia à beira-mar. Pegadas que não se fixam, que se modificam, mas não desaparecem, posto que outras marcas podem se sobrepor, como no bloco mágico de Freud (1925), nos dando vastos e infinitos sinais e marcas do já vivido. Pegadas que vão se transformando, se esfacelando, e que, ao se diluírem, fixam rastros imaginários, mas retornam no exercício de pesquisa na clínica e na própria análise. Ou assim deveria ser.

Nenhuma marca é apagada ou eliminada, mas se transforma, se metamorfoseia em outras tantas ilusões de marcas dos que nos antecederam. Lembro de uma afirmação de Krenak (2019, p. 96) em outro contexto: "E cada movimento que um de nós faz, todos fazemos. Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo: quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso".

A análise pessoal, como um elemento primordial da formação de analistas, deveria anteceder e acompanhar a formação de um analista, atuando para além do falso objetivo de ser um dispositivo obrigatório ao exercício desse ofício. Faz-se necessário romper os limites e resistências da própria pessoa do analista para não inviabilizar o processo de possíveis analisantes. Para a teoria lacaniana, o sujeito se constitui pelo desejo do Outro: um eu marcado por uma ilusão de fusão, completude narcísica de indiferenciação. Nesse caso, eu imaginário.

No entanto, quando uma formação em psicanálise claudica em seus propósitos de leituras e estudos críticos, no limite dessa construção imaginária, pode-se criar um analista como efeito de um falso reflexo, registrado com uma certidão grilada. Trata-se de alguém sem voz própria, com uma origem duvidosa, replicando teorias como mantras — religiosos fundamentalistas. Ou não seria assim?

Um analista em formação não deveria se constituir assemelhado a uma performance, ou seja, uma cena enigmática forjada com a consistência de um reflexo no espelho. Não deveria ser uma réplica empobrecida na fusão confusa de reproduções de palavras, na recitação de conceitos ou frases de efeito — sem refletir, sem dizer como pensa, ou pedindo autorização para pensar. A inibição do pensamento, o evitar dizer como formula suas inquietações teóricas, limita os caminhos da formação e estabelece um limite ao próprio trabalho analítico, o que vale para o analista em formação e/ou o analista em sua clínica.

No que tange ao nosso tema, ou seja, à formação de analistas, voltemos a Mannoni (1989, p. 7), que nos conta: "De fato, no correr da análise, acontece de o analista se defender em relação ao retorno do recalcado, a ponto de o analisando acabar se chocando, em seu próprio percurso, com aquilo de que o analista, em certos aspectos, nada quer saber". Diríamos que essas são marcas de (de)formação. Ou seja, em tais casos, estamos no plano de deformação de uma formação.

A autora alerta que a possibilidade de o analisante entrar em análise, de dizer algo de sua verdade, encontra-se presa ao desejo do analista. Pensemos que o analista, estando preso a uma história coletiva, também reflete uma estrutura institucional. Ou seja, o analista também está submetido aos recalques de sua própria história, inseparável de seu inconsciente, e aos recalques institucionais que possam se colocar como "a casa do saber".

Está em questão aqui um saber instituído e instituinte, padrão. Um saber a priori relacionado a qualquer palavra dita, não dita ou amordaçada. Um saber que supõe uma hipótese teórica antes mesmo de qualquer possibilidade de escuta de uma palavra outra, distinta de suas suposições sobre o sofrimento do analisante e/ou do próprio analista.

Para Freud, na psicanálise, os avanços teóricos definitivamente estão sempre em aberto, disponíveis para novas interrogações. Como

assinala Mannoni (1989, p. 11), para Freud, "as vias da formação são as do inconsciente do analista às voltas com o inconsciente do analisante. Este é quem mostra o caminho a seguir". Finalmente, quanto a isso, nossas "Marcas da formação", neste ano de 2023, pacificam nossas inquietudes. Quero aqui agradecer aos colegas que trouxeram suas questões, suas ideias e suas elaborações, contribuindo para a construção de um novo tempo, o nosso, num caminho sem fim e sem volta na nossa formação.

Referências

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MANNONI, M. **Da paixão do ser à "loucura" de saber**: Freud, os anglo-saxões e Lacan. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989..

As interfaces da psicanálise com a biologia[1]

Leticia Falcão Veiga

Darwin e Freud, eu e Darwin: uma estranha triangulação ou o meu romance com as ciências biológicas e a psicanálise?

Em sua autobiografia, Freud conta que, quando estava em seu último ano do ginásio, atraído pela teoria de Darwin — que prometia um extraordinário avanço na compreensão do mundo — e pelo belo ensaio de Tobler intitulado "Sobre a natureza" (à época atribuído a Goethe), decidiu matricular-se no curso de medicina.

Os seus primeiros anos de curso na Universidade de Viena o levaram a estudar anatomia comparada e zoologia de organismos marinhos; Freud dissecava enguias com o intuito de estudar o aparelho reprodutivo desses animais. A investigação da forma de reprodução, do aparelho sexual, da estrutura e da função dos sistemas que compõem os seres viventes já estava em curso na formação intelectual do jovem Freud.

Assim para Freud, assim para mim. A busca por compreender as origens da vida e da natureza também me levou a admirar Darwin e a querer singrar os oceanos em um navio oceanográfico. Minha escolha pela biologia marinha foi acertada à época, porém agora, mais de 30 anos depois, ao me lançar na psicanálise para explorar o inconsciente, me senti convocada a buscar os vestígios das ciências biológicas na obra psicanalítica freudiana. Darwin, Freud; Freud, Darwin... Confusão de nomes? Não, confusão de afetos, certamente.

Fazer este trabalho para a jornada "Marcas da formação" de 2023, do CEPdePA, despertou em mim o desejo de saber como os citados primeiros registros de caráter científico de Freud afetaram sua forma de conceber o aparelho anímico com estrutura e função para captar os estímulos dos mundos interno e externo. Como esses registros o influenciaram a reconfigurar o conceito de inconsciente, bem como a propor o conceito de pulsão apoiado no de instinto e, assim, erguer os elementos fundantes do tratamento psicanalítico de forma singular?

A resposta à questão sobre o que é uma formação psicanalítica pode ser encontrada nos próprios textos da imensa obra de Freud, de forma implícita e explícita (em "A questão da análise leiga", por exemplo). Pessoalmente, em caráter de pesquisa, acho que ainda tenho muito o que pensar, falar e escrever sobre o tipo de leitura que Freud fez sobre a natureza que Darwin viu, experimentou, registrou e relatou a partir de sua viagem pelo mundo e da análise da expressão das emoções no homem e nos animais. Todavia, não quero deixar de considerar também aquela natureza arre-

1 Resumo do trabalho apresentado na jornada dos membros provisórios de 2023 do CEPdePA/Serra, "Marcas da formação", na mesa "Multidisciplinaridade e pluralidade epistêmica da psicanálise".

batadora e inapreensível percebida por Freud no ensaio de Goethe/Tobler — simplesmente, porque encontro ambas na psicanálise.

Quanto à prática clínica, penso que abordar a sintomatologia do paciente como quem lê um romance continuamente reescrito a partir de novas descobertas provindas das irrupções verbais do desconhecido ou do esquecido (freie Einfälle) do analisando, tal como proposto pela minha colega Kaya Leitzke, assim como escutar as experiências vividas pelo paciente ao construir a noção de responsabilidade pela sua própria existência, tal como discutido pelo meu colega Júlio Bernardes, representa a forma mais amorosa e sincera da relação que se pode estabelecer entre analista e analisando.

As interfaces da psicanálise com a literatura[2]

Katya Leitzke

Shakespeare, Dostoiévski, Goethe, Zola e tantos outros. Todos convocados por Freud na busca por melhor compreender a dimensão da psique e estruturar o arcabouço da psicanálise. A cada um, coube oferecer seus personagens para estudo e desdobramento teórico. Ponho-me a imaginar um setting analítico atemporal onde, deitado no divã, Hamlet diz a Freud, sentado atrás do paciente ilustre: há mais coisas entre o céu e a terra, doutor, do que pensa a vossa vã filosofia. Pessoalmente, para além dos desvendamentos que podem ser obtidos a partir das inter-relações entre psicanálise e literatura, é esse Hamlet do divã que me fascina, o personagem em carne e osso que se apresenta para a psicanálise como uma entidade literária e se oferece ao analista, a cada sessão, para leitura e possibilidades de compreensão.

Sendo o sujeito aquele que se constitui na relação com o outro através da linguagem, e sendo essa relação permeada pela cultura e pela comunicação simbólica na construção da individualidade do ser, então, para mim, faz todo o sentido pensá-lo e enxergá-lo como literatura. Cada indivíduo traz em si uma obra inédita, que carrega narrativas pessoais elaboradas a partir da dimensão subjetiva da experiência humana. Uma história que começa a ser redigida ao nascer, ou talvez ainda antes, se levarmos em conta as expectativas parentais nas quais cada nova existência é inserida. Considerando as experiências inaugurais do sujeito, o que são as marcas mnêmicas citadas por Freud no Projeto se não o início de um registro individual e único, como inscrições rupestres do inconsciente que vão se organizando e gerando uma semântica própria que guiará novas escritas durante o viver?

Quando Freud renuncia à busca pela origem do trauma como o resultado de uma escavação arqueológica à procura do elemento uno que, uma vez descoberto, daria por encerrada a exploração e resolvida a questão, ele o faz por uma nova compreensão do traumático como o possível resultado de uma literatura fantástica, desenvolvida pelo próprio sujeito a partir de suas inscrições rupestres e vivências posteriores. Mais adiante, em A interpretação dos sonhos, Freud afirma que o psicanalista trata como escritura sagrada aquilo que para os outros seria uma improvisação arbitrária e, sob essa premissa, é preciso estar atento ao manuscrito interno e particular que o analisando oferta. Cada encontro revelando novas páginas, notas de rodapé, capítulos proibidos, anotações em entrelinhas.

Sintomas são fragmentos de histórias que buscam novos significados. A partir dessa compreensão, desvendam-se as diversas narrativas que se anunciam através da fala. A palavra dita pelo analisando se faz leitura aos ouvidos do analista. É a partir desse entrelaçamento do sentir/falar de um com a escuta/leitura do

2 Resumo do trabalho apresentado na jornada dos membros provisórios de 2023 do CEPdePA/Serra, "Marcas da formação", na mesa "Multidisciplinaridade e pluralidade epistêmica da psicanálise".

outro que esse personagem constituído por palavras, ao deitar-se no divã, inaugura a possibilidade de desenvolver a capacidade criadora que lhe trará novos entendimentos de si. O processo analítico permite novos capítulos e edições revisadas de uma história literária intransferível, de modo a tornar mais potente o herói do romance e, quem sabe, menos carregado de conflitos durante a jornada cuja escrita só finda quando se encerra o existir.

Somos corpos que levam uma literatura interna, essa sim o verdadeiro arcabouço da psicanálise.

As interfaces da psicanálise com a filosofia: a tradição restaurada por Freud[3]

Júlio Bernardes

Este breve texto é um resumo da apresentação realizada no seminário "Marcas da formação", ocorrido em setembro de 2023, sobre um tema ao qual dedico leituras e pesquisas há algum tempo, a saber, a tradição da cura pela fala, da cura pelo conhecimento de si mesmo, consumada no seio da Grécia clássica, sobretudo pelas filosofias socrática e pré-socrática e pela literatura trágica. A questão (hipótese) que norteou a apresentação é que Freud seria um restaurador e um expoente dessa tradição na Modernidade tardia, resgatando-a no seio de uma cultura orientada e determinada ora pela técnica (tekhné), ora por uma visão objetivista das vicissitudes do devir humano oriundas da apologia desmedida à ciência positivista e ao sucesso da razão instrumental. Freud, em que pese sua admiração e mesmo sua anuência teórica às novas ciências surgidas no século XIX, repõe, com a psicanálise, práticas, conceitos e categorias com os quais os gregos já operavam há pelo menos 2.500 anos. Conceitos e ideias que emergiram como novidades nos séculos XIX e XX pela sua teoria, como inconsciente, dualidade de forças psíquicas, ego, aparelho psíquico e cura pela fala, já estavam presentes de certo modo no ideário prático da cultura grega — obviamente com conotações e usos teóricos distintos, sob fundamentos diversos, uma vez que compunham teorias e orientavam práticas curativas de várias correntes filosóficas. Martha Nussbaum, em seu brilhante tratado de 1994, The therapy of desire, expõe de forma magistral as diversas formas de terapias derivadas das inúmeras correntes da filosofia helenística, tais como o epicurismo, o ceticismo e o estoicismo. De modo geral, atendendo ao imperativo délfico, essas correntes distintas concernentes às "patologias da psique", ou ainda às "patologias do desejo", propunham práticas e métodos para a cura, a atenuação dos sintomas; nesse contexto, eram considerados os mais diversos procedimentos, em geral linguísticos, e os atos de fala da retórica, sobretudo a dialética (o diálogo), eram os mais requeridos.

Sócrates, no diálogo Fedro, dedicado à beleza, começa por tratar de uma situação comum à cena da paideia grega: o amor patológico, o amor maníaco entre Erómenos e Erasta (entre o aprendiz e o mestre). Sócrates, ao enfrentar a tese de Lísias de que Eros (o amor) é desde sempre patológico, recorre à análise da estrutura da psique (a princípio por recurso à autoanálise), expondo as forças que governam os seus desejos e, por conseguinte, o próprio ego. Como bem se sabe, a psique é descrita por meio da metáfora da carruagem de guerra movida por dois cavalos e dirigida por um cocheiro; um cavalo negro representa as forças de Dionísio (do prazer, da sexualidade, da destruição, da transformação, da realização impulsiva, da natureza e da matéria), enquanto outro cavalo, branco, representa as forças apolíneas (da forma, da razão, da conservação, do

3 Resumo do trabalho apresentado na jornada dos membros provisórios de 2023 do CEPdePA/Serra, "Marcas da formação", na mesa "Multidisciplinaridade e pluralidade epistêmica da psicanálise".

não-movimento, da restauração, do nómos). No centro desse jogo de forças, está o ego, representado aqui pelo cocheiro, que, por meio dos arreios, tenta conduzir-se no caminho. O ego está, para Sócrates, desde sempre sujeito a essas forças, e delas, da sua composição, advém o seu destino, como devir da soma de seus desejos e realizações. Não obstante, mal sabe o ego a quais ideias de fundo — que são olvidadas desde sempre pela própria consciência — atendem os seus apetites, ideias que também governam a própria singularidade no seu devir existencial. Desvelar parcialmente a natureza dessas ideias que determinam, à sombra da consciência, certos apetites e seus respectivos objetos volitivos, bem como os conflitos subjetivos que engendram, é a finalidade da maiêutica socrática.

É necessário ressaltar que a condição da existência humana para Sócrates, assim como para Platão, é um esquecimento. A consciência individual, que aparentemente rege de forma autônoma a vida prática por meio de decisões, padece de uma limitação atroz: a ela é velada, por um esquecimento original, o conhecimento de ideias (entes linguísticos) que determinaram, determinam e determinarão os desejos do sujeito — portanto, aquelas que seriam mais afeitas, para cada qual na sua singularidade, à proximidade da vida mais autêntica. Ora, essa condição de absoluta finitude irá se expressar para a consciência em "conflitos de desejos", o que deve ser tratado — sentido terapêutico — com vistas à eudaimonia (felicidade como bem-estar existencial) e à realização de uma vida autêntica, isto é, a vida mais próxima e condizente com aquilo que determina a natureza singular de cada subjetividade. Como essa condição de domínio da inconsciência sobre a consciência é insuperável, resta ao homem, segundo Sócrates, o conhecimento de si mesmo por meio de uma prática retórica, a dialética, mediante o método da maiêutica. Esse jogo pressupõe, por parte de um dos jogadores, assumir a posição do que "sabe que nada sabe", o que tornará o jogo de fala possível por meio de perguntas e/ou apontamentos, fazendo com que o Outro se conduza ao destino do seu próprio discurso: saber que não sabia o que supunha como sabido, ou saber um novo saber (ainda que paliativo e provisório) de si mesmo, ou ainda ambos.

O importante para nós que nos dedicamos ao estudo da psicanálise e ao seu ofício, ao ler sobre essa tradição esquecida, é que os gregos (assim como, a seu modo, a tradição judaico-cristã da ética do sofrimento) lidavam então com ideias e práticas muito caras ao nosso ofício e à nossa teoria: o inconsciente, o esquecimento, forças que atuam sobre o ego, afecções que são da natureza estrita do logos (linguagem) e que pela fala têm de ser "curadas" com um método operado entre "dois falantes", sendo que um deles se põe na posição de suposto saber ("Sei que nada sei") e o outro se deixa ir ao destino de sua fala. E é importante lembrarmos também do esforço estoico de Freud ao recuperá-la, restaurá-la, reelaborá-la em uma época cujo espírito do tempo volta-se à objetividade técnico-científica, em que, como diria Ricoeur, o "esquecer o Esquecimento que compõe o nosso Devir Histórico é um Imperativo".

Referências

NUSSBAUM, M. C. **The Therapy of Desire**: Theory and Practice in Helenic Ethics. Princeton: Princeton Press, 1994.

PRICE, A.W. **Conflito mental**. Campinas: Papirus, 1978.

RICOEUR, Paul. **La Memoire, l'histoire, l'oubli**. Paris : Editions du Seuil, 2000.

PLATÃO. **Fedro, ou do Belo**. Lisboa: Edições 70. 1988.

Da psicoterapia à formação em psicanálise: uma trajetória de (des)construções[4]

Suellen Santos Silva

A trajetória de uma psicanalista em formação em psicanálise que previamente concluiu uma formação em psicoterapia de orientação analítica é marcada por desconstruções profundas. A experiência da escuta, que anteriormente se inclinava em direção a intervenções mais "estruturadas", com uma tentativa contínua de "encaixar" o paciente em critérios diagnósticos de forma rápida, passa por um processo de rearranjo. Esse caminho, não isento de angústias, é uma jornada rumo ao desconhecido, exigindo abrir mão das certezas anteriormente tão seguras e aconchegantes.

A psicoterapia está associada aos métodos sugestivos desde os seus primórdios. Freud (1919, p. 168) reconhecia a psicanálise como a primeira psicoterapia de natureza científica, considerando-a o "ouro puro", em contraposição ao "cobre" representado pela sugestão direta. Será que a psicoterapia pode ser associada à sugestão ainda nos tempos atuais?

Por sua vez, a psicanálise autoriza o analista a despir-se do papel de oferecer interpretações rápidas, instigando-o a adentrar num universo "particular" desconhecido. O lugar de sujeito suposto saber designado ao analista pelo analisando e por ele não ocupado é o que permite operar pelo não saber, fazendo com que a ignorância como paixão do analisando seja deslocada pela ignorância douta do analista, o que dá lugar à emergência do saber inconsciente. A transferência e a interpretação de Freud adquirem nova compreensão. O conceito de suposto saber faz ponte entre a transferência e o saber do outro, o saber inconsciente (JORGE, 2017).

Freud precisou passar pelo caminho da hipnose e da sugestão para compreender de forma mais profunda os processos da vida mental, e foi preciso que ele abandonasse essas práticas para poder construir sua visão teórica que elege o inconsciente como objeto de investigação do aparelho psíquico. Esta analista precisou passar por uma formação anterior em psicoterapia de orientação analítica para que as relações transferenciais com seus "mestres" tornassem possível que fosse tocada pelo desejo de seguir aprofundando as investigações do sujeito do inconsciente. Atravessada por sua própria análise, precisou construir um caminho próprio, de análise constante, e o reconhecimento de que não há um saber absoluto sobre o outro, e sim uma busca interminável.

Referências

FERENCZI, S. **Obras completas**: psicanálise I. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREUD, S. (1919 [1918]). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 215-220. (Edição standard brasileira, 17).

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise**: de Freud a Lacan. v. 3. A prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

4 Resumo do trabalho apresentado na jornada dos membros provisórios de 2023 do CEPdePA/Serra, "Marcas da formação".

Sustento para uma formação

Carolina Cavalcante Ascal

Partindo da estrutura do tripé, penso que, se por um lado a participação em seminários, o espaço da supervisão e a análise pessoal são a base dos estudos e da transmissão da psicanálise, por outro lado, é inevitável pensarmos que a formação não se dá como resultado de um acúmulo de horas e leituras ao longo de quatro anos. Assim, o que mais está em jogo quando nos lançamos ao processo de uma formação?

Em suas "Recomendações ao médico que pratica a psicanálise", Freud (1912, p. 157) expõe a dimensão didática da análise enquanto uma forma de aprendizado por meio da experiência de si; o candidato a uma formação em psicanálise seria, assim, "[...] aquele que quer saber sobre si". É inegável que qualidades como a autonomia e a independência de pensamento são indissociáveis e desejáveis na experiência de uma formação, contudo não podemos contornar uma discussão que leve em consideração as condições materiais que sustentam o desejo de formar-se.

Em "O início do tratamento", Freud (1913) aponta para as dificuldades que estariam presentes na prática clínica — entre elas, as condições financeiras para o acesso ao tratamento psicanalítico. Ao nos alertar sobre a íntima relação entre o tema do dinheiro e o do sexo, Freud não deixa de destacar o uso do dinheiro como meio de autopreservação e sustento material, denunciando o modo hipócrita como tratamos de ambos com equivalente constrangimento. Nesse sentido, pode-se entender que não há nada de novo ao abordar a condição material de acesso à psicanálise. Para além de Freud, penso que esse debate também se mostra relevante quando o CEPdePA/Serra discute e elabora seu projeto de ações afirmativas, por exemplo, com o Ananse. Entretanto, tendo em vista que muitas vezes discutimos a condição de formação em termos de desejo, penso que, assim como a estrutura do tripé constitui parte inegociável de uma formação em psicanálise, talvez seja produtivo pensar a insuficiência de ambos — desejo e tripé — para sustentar uma formação. Assim, me pergunto se a ausência de um debate que leve em consideração o cenário de desigualdades em que vivemos, ou seja, a possibilidade de acúmulo de dinheiro por alguns poucos e a escassez para muitos no sistema capitalista, é sintoma do desconforto e do falso moralismo presente em nós, como denunciado por Freud.

Muito se fala em dinheiro considerando apenas sua dimensão subjetiva, e penso que essa abordagem evidencia uma postura de conformidade diante do que vivemos. Como desejar uma formação em psicanálise sem condições materiais que possibilitem o suporte desse desejo? Ou: que subjetividades podem desejar uma formação? Parece-me que pensar uma formação em psicanálise indiferente às condições de produção material e de subjetividade atuais seria uma postura incompatível com o compromisso ético que nos propomos.

A transferência, o divã e a formação

Caroline Dal Piaz

Venho de uma primeira formação em biologia, área pautada pelo método científico: experimentar, observar, repetir, justificar resultados e discrepâncias obtidas a fim de responder a uma hipótese. Associada a isso tudo, a experiência de quase uma década e meia em sala de aula como professora. Eis que, nessa caminhada, como proposto por Bion, tenho meu nascimento para a psicanálise no divã. Novos pensares e possibilidades se inscrevem: como aprender a psicanálise?

Considero indispensável o constante questionar, e quem sabe a minha fascinação pela psicanálise esteja aqui com todos os não-saberes oferecidos por ela. Prostro-me então diante da instituição. Em conversa com pares, tempos atrás, pensávamos coincidentemente sobre como o CEPdePA oferece a formação psicanalítica: não há obrigatoriedade nem garantia absoluta. Dessa conversa, me fica a ideia de que talvez o CEP ofereça, sim, um entre tantos caminhos possíveis de transmissão da psicanálise: um caminho trilhado em quatro anos, pensando por si e por pares, que não dá garantia da formação do psicanalista, mas auxilia no reconhecimento por outros membros.

A partir de minha experiência, ouso convidá-los a pensar sobre o aprendizado da psicanálise no divã, aprendizado esse que não se compara a nenhum estudo possível, nenhuma supervisão ou forma de transmissão de saberes. Considero a vivência da transferência insubstituível. Por conseguinte, os demais aprendizados podem ser dados a partir dela, mas sem ela talvez o saber psicanalítico melancolize.

Ainda pensando a instituição, qual será a importância da análise pessoal? Será que ela deve ou não ser obrigatória desde o ingresso na formação? Consideremos que, para os membros provisórios, não há tal exigência no ingresso. Eis a angústia: como levar o analisando ao divã sem ter passado por essa experiência? Será essa uma das questões a que a instituição deve dar destino? Ou será que a instituição, abraçando essa questão, estaria assumindo o papel paterno que o candidato à formação lhe atribui? Ou ainda, não assumir essa função de fiscalização de uma obrigatoriedade seria se omitir dessa função paterna? Mais além: se a instituição assumisse a obrigatoriedade da análise pessoal do candidato, ela se colocaria na posição de repensar a provisoriedade dos membros? Em meio a isso tudo, podemos considerar a abordagem lacaniana: da análise pessoal, pode surgir o desejo do analista, e dessa análise se origina o desejo do inconsciente...

Sigo a questionar a função da instituição na triangulação única e tão fundamental entre analisando, divã e analista, tendo em vista esse analisando ser um futuro analista da instituição.

Na busca do saber psicanalítico, me considero uma testemunha do divã. O não saber, a não certeza ou as certezas não fechadas são as garantias da psicanálise. No estudo — talvez vitalício — da psicanálise, pode ser que somente a teoria não garanta um bom manejo; anos de formação talvez não garantam uma boa clínica; 10 ou 20 anos de atendimento podem não garantir uma boa escuta; mas quem sabe ciclos de análise pessoal possam ajudar na melhora da prática.



Quando interromper uma análise?

Sander Machado

Situo essa provocação em forma de pergunta do lado do analisante. Contudo, se a resistência é sempre do analista, evidentemente nos interessa discutir o que se passa do seu lado também. Adianto: não se discute muito, e talvez se estude menos ainda, o que é um fim de análise. Essa é a nossa versão cotidiana da "análise interminável".

Um esclarecimento breve: Freud nos diz que do lado do analisante sempre existirá resistências, portanto se pode pensar que é redundante insistir no fato de que o analisante resiste. Entretanto, se há resistência, é porque falta análise nesse ponto de entrave. Se algo que deveria estar em análise não está, é o analista quem não está realizando sua parte do trabalho. Apegar-nos ao nosso mais do que conhecido chavão "Este paciente é muito resistente" é, nessa leitura, culpar o analisante pelo trabalho que não realizamos. Vale dizer: não se trata de tomar essa lógica como voz superegoica; ao contrário, trata-se de tomá-la como convocação ao trabalho.

"Mas, Sander, e se o analisante parece não querer se analisar? E se ele não aceita nada, é muito fechado etc.?" Se não há desejo de análise ou se nós não conseguimos formular uma demanda para entrada em análise, o melhor é que sejamos honestos, humildes. Em outras palavras, é nosso dever sugerir, docemente, a essa pessoa que ela não gaste seu tempo e seu dinheiro conosco. Talvez seja mais efetivo que vá ao cinema ou pratique esportes.

Quando, então, o analisante deve interromper uma análise? Precisamente quando o analista se acovarda diante da necessidade de realizar sua função. Aliás, covardia moral é uma das definições que Freud nos dá da neurose. Nesse caso, a neurose de transferência é a neurose do analista. Por sua vez, a clássica pergunta lacaniana "Agiste em conformidade com o teu desejo?", que se refere ao temor e à piedade, pode ser reformulada: "Você cedeu, se acovardou, diante do desejo por temor ou piedade?".

O analisante também deveria interromper a análise se nota que o analista "dorme no ponto", isto é, se em geral ele não faz ideia do que está fazendo. Com efeito, se não temos ideia de como termina uma análise, de que modo podemos conduzi-la? Para onde estamos indo nesse ou naquele caso? Quais são nossas hipóteses clínicas? Quais são as posições e os manejos da transferência que guiam nossas intervenções?

Aliás, há casos em que os analistas não só dormem no ponto, como também dormem nas sessões. Pior: cobram por isso e ainda chamam a negligência de "contratransferência". Mais ainda, a própria frequência das sessões comumente é uma demanda da supervisão do analista. Aquele valor demasiado negociado, da "oportunidade de fazer uma análise", facilmente se converte numa dívida impagável. Existem muitas histórias parecidas com a do Homem dos Lobos por aí...

Quando o pagamento ocorre ao final de cada sessão, marca-se uma posição ética: o analisante não deve nada ao analista e só paga com dinheiro. Não paga com mais nada, não precisa sequer ser "grato". Se não trabalhamos analiticamente em determinada sessão, temos coragem de não cobrar?

Por outro lado, não é segredo que muitos analistas querem ocupar certas vitrines para

conquistar o desejo daqueles que pretendem se tornar analistas. Até aí, nada demais. Querer trabalhar e ganhar dinheiro não é nenhum crime. O problema (ou vantagem) é que esses analisantes frequentemente têm dificuldades imensas para interromper suas análises, pois isso pode pegar muito mal. Talvez sejam lembrados disso por seus analistas. Além disso, tornados dóceis, podem aceitar vendas casadas do tipo mais asqueroso: "Você paga bem aqui para poder ganhar bem no futuro". Enfim, nas análises que duram até mesmo décadas, em que tudo já é lugar-comum, há ainda transferência efetivamente analítica?

Um problema relativamente novo: há alguns anos, se o analista era um pequeno fascista ou reacionário, isso não era grande coisa. Hoje, está claro que esse indivíduo não entendeu a psicanálise ou não entendeu o que é democracia, ética, reparação histórica etc. Mais provavelmente, ele não entendeu nada. Se o analista é, para dizer com todas as letras, um canalha, um psicanalhista, que o analisante não se acovarde no seu desejo de mudança, caso ele exista.

E o fim da análise? Freud insistiu: trata-se da *liquidação da transferência*. Não tem a ver com guardar carinho, amizade, admiração ou identificação como sinal de "outro tipo de transferência"; trata-se de uma dissolução. Lacan tenta avançar um tanto mais: fala-nos de travessia do fantasma, diz que no fim da análise advém o desejo do analista, que o (ex-)analista acaba no lugar de resto e que ocorre uma "dessuposição" do sujeito suposto saber. De todo modo, quem sabe, temos aí um campo de pesquisa...

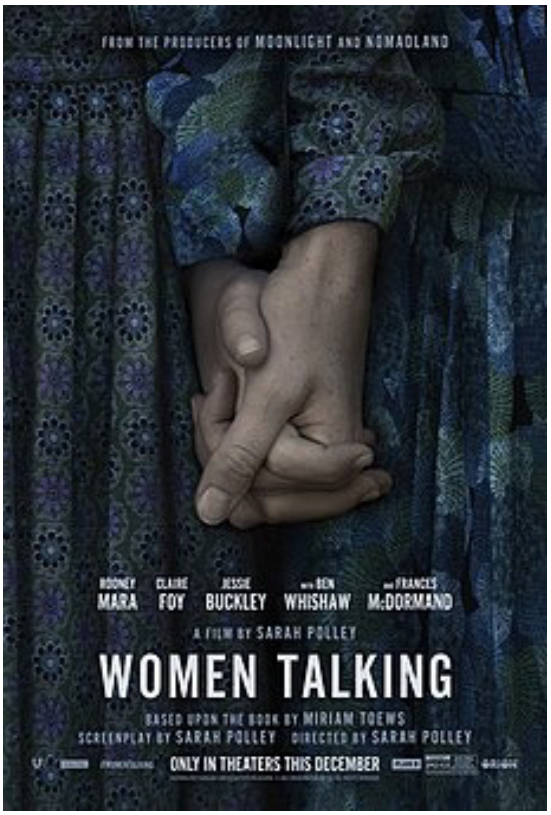
Por fim, e se o analisante for um canalha? Talvez, nesse caso, valha o ditado "Cada um tem o analista que merece" (tudo pode mudar, é claro). Porém, podemos começar a pensar, a partir daí, numa ética do analisante, isto é, acerca daquilo a que ele se deixa ou não submeter em favor de algum gozo (Gozo masoquista? Do analista? Do Outro?).

Entre mulheres

Flávia Bernardi

"Quando nos libertarmos, teremos que nos perguntar quem somos": é essa pergunta que paira no ar da primeira à última cena do filme *Entre mulheres*, nos convocando a olhar para a tela e para o nosso redor. Com direção e roteiro de Sarah Polley, e baseado no livro da canadense Miriam Toews, originalmente intitulado *Women talking*[5], o longa gira em torno de um grupo de mulheres que decide dar voz a uma questão que há anos ocorre na pequena colônia (interiorana e cristã) onde vivem: os crimes sexuais cometidos contra elas pelos homens do lugar. Tais crimes são categorizados como fantasias das vítimas, tentativas de chamar atenção ou obras do demônio, que as atacaria durante o sono. Quando alguns agressores são vistos, nomeados e presos, a situação ganha um novo nome, bem como a possibilidade de outro rumo.

O filme se passa nas 48 horas em que algumas mulheres se reúnem secretamente, já que os homens da



5 Link trailer: https://youtu.be/xQ3DbgoeApU

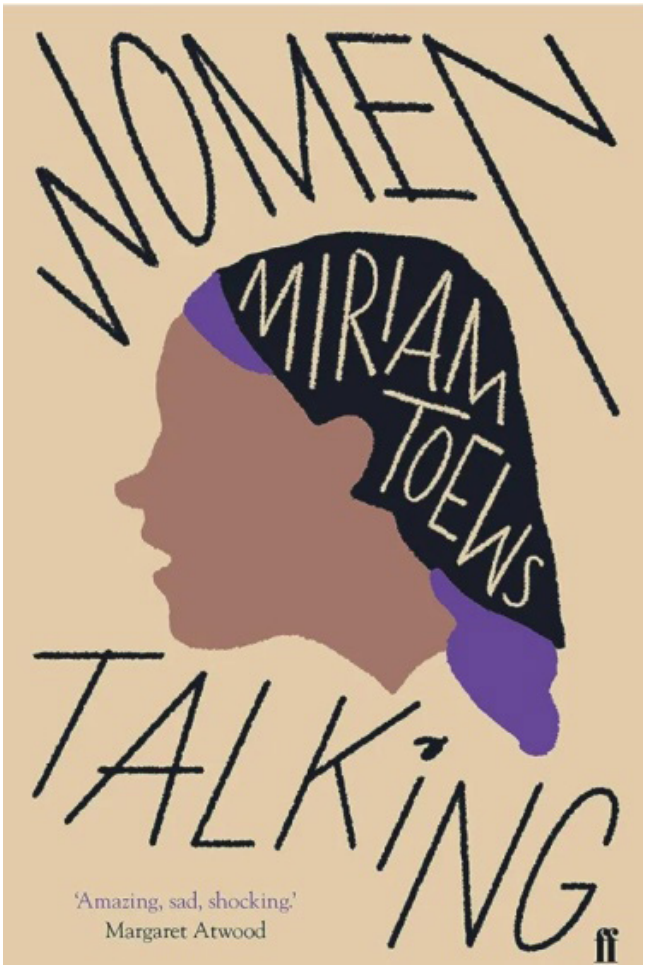
localidade viajaram a fim de pagar a fiança dos criminosos pegos "em ação", deixando para elas (suas esposas, mães, irmãs e filhas) uma espécie de aviso: ou perdoam os agressores que voltarão em breve, numa espécie de "faz de conta que nada aconteceu", ou irão para o inferno. Em meio a *flashbacks*, elas decidem se seguirão do mesmo modo, se fugirão ou se lutarão contra o sistema. Os diálogos que se dão entre essas mulheres, no galpão secreto em que se reúnem, são muito profundos, dolorosos e atuais. Frases como "Eles nos fizeram desconfiar de nós mesmas" colocam a nós mulheres sentadas junto às personagens. Certamente sabemos bem do que elas estão falando, independentemente de termos sido estupradas; afinal, vivem e persistem em todas nós as dúvidas e as incertezas, a desconfiança e o julgamento que recaem sobre as mulheres nas situações de abusos variados que ocorrem constantemente nesta sociedade machista.

O filme se inicia, ironicamente, com a frase "Esta história é fruto da fértil imaginação feminina". Em seguida, vemos uma cena filmada do teto de um quarto: uma jovem acorda visivelmente machucada e assustada. Ela chama pela mãe e diz: "Aconteceu de novo!". No filme, os hematomas pelo corpo, as gestações que se seguem aos abusos, os lençóis com sangue e a sensação de um despertar zonzo pelo efeito dos soníferos administrados às vítimas (produtos utilizados na lida com os animais) são claras evidências dos crimes, que são justificados como "loucura" feminina. Mas e quando não existe hematoma, sangue, gravidez? E quando o abuso se dá no discurso ou no ato que não deixa marcas visíveis? E quando a vítima se sente responsabilizada pela situação e se cala para não criar maiores problemas? E quando não há provas?

Enfim, a história nos põe em meio a um tema que, infelizmente, ainda é atual. Trata-se de um tema que não pode deixar de ser abordado, pensado e compreendido singularmente, na medida em que cada mulher, assim como as personagens do filme, sofre algo indizível e, logicamente, expressa seus traumas, dores e consequências de uma forma diferente.

O cartaz do filme apresenta uma imagem de mulheres de mãos dadas, nos convocando a entrelaçar os dedos com um tema que nada tem a ver com a teoria da fantasia dos primórdios da psicanálise. "De mãos dadas" com as vítimas na escuta de situações violentas, seja na clínica, seja com as mulheres abusadas que estão ao nosso redor, a psicanálise pode acolher e questionar concepções que paralisam e domesticam as pessoas. Escutando atenta e respeitosamente é que poderemos colaborar para o distanciamento das violências que por tanto tempo nos foram impostas.

Basta de silêncio e de "mãos soltas" (ou atadas com a cultura que nos cala e intimida). O assunto é *entre mulheres*, mas não pode ficar apenas entre nós.



Título: *Women talking*
Autora: Miriam Toews
Editora: Faber & Faber

As tensões do primeiro ano de formação: uma disputa por Freud

Benjamin Dias Pacce

É sabido que o primeiro ano de formação no CEP exige uma incursão profunda na obra de Freud, sobretudo em seus primeiros ensaios. Tem sido muito rico meu encontro com colegas da instituição: muito debate, muito estudo, como se espera de uma formação em psicanálise. Venho aqui discutir um ponto que me tem chamado bastante atenção durante os seminários de estudos teóricos. Trata-se de um ponto que tem circulado frequentemente em nossos debates de turma e que, muitas vezes, parece se colocar como uma questão importante para o desenvolvimento das reflexões. O ponto é: quem é Freud? Qual é o Freud verdadeiro? Afinal, Freud não é uma pessoa, Freud é um "instaurador de discursividade", como diz Foucault. Ele funda o continente teórico da psicanálise. Háo Freud de antes de 1900, o de depois de 1900, o de 1905, o de 1920. Seriam eles, de alguma forma, contraditórios? Existe mesmo uma continuidade? Freud vai *evoluindo* em seu pensamento? São perguntas como essas que têm surgido em nossas discussões.

Na carta 69, Freud deixa claro que não acredita mais na teoria da neurose que havia construído até ali. Quanto a isso, há um consenso. No entanto, nas discussões dos "três ensaios", a turma — felizmente — se engaja em um debate acalorado a respeito de como Freud recorre ao campo da biologia para construir sua teoria do desenvolvimento da sexualidade humana. Nessa esteira, a turma discute a suposição de Freud de que as meninas teriam inveja do pênis dos meninos. Freud assume a primazia do biológico na sua reflexão? Seria a inveja do pênis uma metáfora? Uma metáfora para a inveja da posição de superioridade masculina? Ou isso é um movimento dos pós-freudianos que julgaram que, ali onde Freud pensou o biológico, está o simbólico, a linguagem e a cultura?

Mas que diferença faz? Foucault (2001, p. 290) nos diz algo sobre isso: "O reexame do texto de Galileu pode certamente mudar o conhecimento que temos da história da mecânica, mas jamais pode mudar a própria mecânica. Em compensação, o reexame dos textos de Freud modifica a própria psicanálise, e os de Marx, o marxismo".

Referências

FOUCAULT,Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298. (Ditos e escritos, 3).



O idioma dos ossos: anorexia

Paulo Fernando Monteiro Ferraz

O corpo anoréxico parece ser o palco em que cintilam as reprises de violências insuspeitas. Traumas enquistados põem à mostra um psiquismo quase cadavérico e ausente de representações que firmem uma identidade. Sim, o inconsciente também se desvela por meio do idioma dos ossos, mas que dramas estão em cartaz aí? Que cena de horror não se esgota com a repetição *to the bones*? O anoréxico é a sombra de um Sísifo que incessantemente se sepulta vivo? Está tão magro de aspirações que tende a se elastizar até o nada? Quer desapa-

recer, encontrar o umbigo de sua origem, o (in) familiar no espelho? O masoquismo erógeno flerta com as paixões nirvânicas, e toda a excitação em curto-circuito, derivada do gozo do vazio, alimenta a pulsão de morte? Talvez tais sintomas possam ser a última barreira de contenção da psicose. Além disso, tendem a aludir à incorporação dos mandatos transgeracionais ou superegoicos vindos de alguma figura importante para o sujeito.

Vamos supor que uma menina tenha sofrido um abuso sexual praticado pelo pai. A mãe, percebendo tal situação recorrente, ordena que a filha "feche a boca". Obediente, ela guarda o segredo, porém algo em seu interior se rebela e transborda na forma de falta de apetite, por exemplo. É como se houvesse a concretização de um desejo alienante infligido na carne. "Feche a boca", reverbera o mantra que extingue toda a polissemia e veta qualquer escoamento das fervilhantes angústias. Agora, essa boca, metonímia do eu em plena cisão, represa as palavras e bloqueia tudo o que poderia reverter o seu estado de mortificação. Saturada por elementos β, evacua-se em desespero. Tanto as projeções quanto as introjeções ficam impregnadas por um desejo desvitalizado, autótrofo, e, por conseguinte, o ataque aos vínculos oblitera, em fantasia, qualquer vértice de compreensão e de alteridade. É como se essa menina ficasse presa em uma espécie de crisálida de narcisismo de morte, sufocasse toda a sua voracidade e hipertrofiasse o ódio voltado às relações de objeto e ao princípio de realidade.

O osso é o narrador que se pulveriza em destinos incertos, é a ausência de escolha em frente à encruzilhada (*trivium*) de Édipo, o pó, o nada que impera no cerne de tudo, a força que quer *comer* a própria fome e sede de existência (*urge to exist*, como Bion nos trouxe) para aplacá-las definitivamente. Já que está condenado ao silêncio, o corpo — altar de sacrifícios ascéticos — começa a expor, desde os ossos, o desejo filicida que lhe foi inoculado? Hesita, avança,



denuncia as injustiças que lhe perpetraram e, em meio à dispersão, faz um *holding* dos estilhaços de uma imagem distorcida e oca? É um corpo que quer matar a brutalidade e as toxicidades que lhe foram depositadas em total desacordo e desamor? A tagarelice ou a mudez dos ossos enuncia, a partir da apatia, o niilismo, o impulso de regressar a um estado inorgânico ou uterino? Há nisso uma tentativa malograda de conservar um tempo que se foi, de se atrofiar a ponto de não nascer mais no presente ou de recomeçar? Ossificar o eu, enrijecê-lo e cristalizá-lo pode ser um protesto visceral contra os excessos e as idealizações estéticas vigorantes na cultura? Que continente abarca tais conteúdos pontiagudos, famélicos pelo suicídio? Será que testemunhamos o pesadelo/delírio de suplantar as necessidades (*Ananke*) fisiológicas? Esses ossos procuram mentes para pensá-los, inscrevê-los no infinitivo do amor, integrá-los em novos ritmos e sustentá-los em contornos que não sejam invertebrados ou flácidos de desejos vibráteis? A anorexia acirra a inveja em relação à capacidade que o outro detém de nutrir e de dar vida? O desamparo e as carências em profusão favorecem a passagem ao ato das impotências que vertem pelos poros? O gozo toxicômano de devorar e expulsar se manifesta como um meio de anular a importância e a (pre)potência-arrogância do outro? Entre as indagações que brotam na clínica, o que perdura na transferência é a sensação de morte psíquica e física. Sussurros de dores insondáveis... Virgílio sem guia pelos infernos... O ciciar de ilusões entorpecidas e abafadas... Eis um pouco do que se esboça no campo analítico.

Diminuto espaço

Katya Leitzke

No diminuto espaço que acomoda um divã e uma poltrona
Descortinam-se incontáveis mundos possíveis.
E impossíveis.
Enquanto as palavras dançam em ritmo solto,
Surgem dores sem destino,
Olhos que se alagam de afetos.
Bocas encurvadas ora ao céu, ora ao mar, desenhando sentimentos;
Mãos que se retorcem embrulhando raivas,
Pernas que se cruzam e descruzam na indecisão dos amores.
Histórias capturadas em um existir
Que as impossibilidades tornaram apenas suportável.
Ou não.
No diminuto espaço onde dois corpos se acomodam,
Uma respiração tranquila
Acolhe invasões vindas de não se sabe onde,
Esperando, paciente, pelas rachaduras barulhentas
Que vão se alargar em possibilidades.

Psicanalisar-se

Amanda Bono

Volte seus olhos para dentro, contemple suas próprias profundezas, aprenda primeiro a conhecer-se! Então compreenderá por que está destinado a ficar doente e, talvez, evite adoecer no futuro.
(Sigmund Freud, "Uma dificuldade no caminho da psicanálise")

Tomada de mudanças, tomada de afetos;
No início da jornada questionei-me se aquilo era certo.

Olhando para fora vi encantar;
Mas vi por dentro o intenso escuro a se revelar;
Seria esse o paradoxo que iria me formar?

Andamos por caminhos incertos e duvidosos;
Lidamos aos poucos com a falta que tudo isso nos causa.

E chegamos a outro paradoxo;
O conhecimento nos leva ao desconhecido;
Ter um enorme desejo de aprender;
É também sobre saber se reinventar;
Saber por saber não vale de nada;
É necessário SER;
Ser da falta;
Ser da fala;
Ser da escuta;
SER... HUMANO.



Paradoxo, de João Carlos.

Psicanálise e o efeito estético: algumas reflexões

Alia Silva Ahmad

Quando criança, imaginava que tudo à minha volta era grande — via os edifícios enormes, carros, ruas, casas —, e eu, tão pequena. Há esse tempo em que nos vemos pequenos, em que, de nossa perspectiva, tudo é maior do que imaginamos em nossas fantasias. No entanto, crescemos e nos damos conta de que não é bem assim: podemos nos aproximar de algumas coisas, ainda que de outras não.

Essa memória da infância não apareceu por acaso, foi suscitada por uma visita que fiz a um local que chamou a minha atenção. É da perspectiva estética dessa experiência que surgiu o desejo de escrever, como uma tentativa de dar conta daquilo que me pareceu estranho-familiar.

Bem, tentarei descrever o trajeto para chegar até o local de destino da imagem, pois até então eu só tinha o endereço e o lugar era (des) conhecido. Chamei um carro de aplicativo e o motorista foi seguindo o sistema de navegação (GPS). Passamos por muitas casas de classe média, com ruas bonitas, até que nos deparamos com uma vista que era o oposto da anterior. Vimo-nos próximos a uma vila — casas pequenas de madeira, ruelas estreitas. Assusto-me e penso: estaria eu perdida? Converso com o motorista, que assegura que estamos no caminho, mas que precisamos passar por ali para chegar ao nosso destino. E não demora muito para nos depararmos com um lugar que abriga condomínios fechados com prédios lindos, enormes; as ruas estreitas tornam-se largas, na portaria dos prédios solicitam identificação para entrar. Trata-se de uma cidade à parte, que chega a ofuscar toda aquela área feia e empobrecida.

Diante desse contraste, penso no nosso social, lembro do texto de Freud intitulado *O mal-estar na civilização*. Atualmente, veem-se cada vez mais construções faraônicas, mas será que convivem de forma harmônica com a vizinhança? E estaríamos falando de diferenças que sempre existiram? Será que ao mesmo tempo não falamos de uma segregação — parte branca, parte negra, parte rica, parte pobre?

Em contato com o efeito estético, surgem tentativas de dar conta dele, mas o que pensar? O que é *isso* que tem ficado cada vez mais "escancarado" e "a céu aberto"? O que estaria dizendo de nossa parte tão íntima? E, enquanto linguagem, outra cena, qual sentido deve ter no ser? E o que é *isso* que tem ocupado cada vez mais lugar no real? Materialidade?

Por esse caminho, sugiro que pensemos em Lacan, mais especificamente quando propõe um neologismo que nos remete ao êxtimo, que, de forma paradoxal, indica algo do sujeito: aquilo que é mais interior, mais próximo, mais íntimo, está no exterior, fora do significado. Trata-se de uma alteridade que escapa e escandaliza. Uma estranheza inteiramente íntima que nos surpreende em certos atos que não reconhecemos.

Como psicanalista, e para dar conta das cenas descritas, posso pensar, com base em minha análise, em que ponto *isso* me capturou, me aproximando dos aspectos a que sou convocada a partir de minha singularidade. E como ficam aqueles que vivem em lugares que não conseguem dar conta de tamanha desproporcionalidade? E, ainda, como temos escutado a partir de nossos privilégios e/ou de nossa ignorância diante da incidência de aspectos não pensados? Como passar do universal ao singular? A clínica seria um nem isso, nem aquilo? Militância é clínica? E clínica é militância?

Para seguir na tentativa de fazer costuras com a clínica, sugiro que pensemos no "falo", cujo poder será representado nos universos singulares a partir do significante que envolve cada sujeito segundo suas falas fundadoras, que o marcam desde suas origens.

Assisti recentemente a uma atividade com Isildinha sobre o livro *A cor do inconsciente*, em que ela chamou a atenção dos espectadores ao falar sobre o não-dito e sua força, com que tanto Freud quanto Lacan nos brindam em seus textos. A autora refere que não temos como nos esconder em nossas próprias clínicas, visto

sermos seres políticos, além de destacar a importância de nossas análises para que não roubemos a dor do outro, mesmo que ela venha a nos sensibilizar, uma vez que uma análise serve para que o sujeito seja dono de sua própria história. Cabe lembrar ainda nosso compromisso ético, enquanto analistas, de ajudar quem nos procura com suas dores e conflitos.

Encerro este escrito com uma citação do livro mencionado, para que sigamos nos interrogando: "[...] para além da possibilidade de caracteres constitucionais da condição humana que estão na gênese da recusa da diferença, temos as representações ideológicas construídas para salvaguardar justamente valores instituídos, na medida em que tais valores corroboram interesses determinados que podem se beneficiar daquelas representações que mapeiam o 'eu' e o 'outro', o 'próximo' e o 'distante', o 'desejável' e o 'recusável'" (NOGUEIRA, 2021, p. 174).

Referência

NOGUEIRA, I. B. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

O fotógrafo e o psicanalista

Ana Cristina Alves

O mundo vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
(Lenine, "Paciência")

Sebastião Salgado abre o primeiro capítulo da sua biografia, intitulada *Da minha terra à Terra*, com a seguinte frase: "Quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo". Impossível não pensar no fazer do psicanalista e tomar emprestada a frase: quem não gosta de esperar não pode ser psicanalista.

Em "Para começar: 'Gênesis'", ele narra delicadamente como foi fotografar uma tartaruga-gigante logo que chegou à ilha Isabela, em Galápagos. Conta que, depois de algumas tentativas frustradas de invadir o território para fotografá-la, notou que ela se afastava e percebeu que deveria parar com as investidas e simplesmente conhecê-la. Então, "me fiz tartaruga", conta Salgado. Naquela dança de aproximação e afastamento entre um que espera e outra que avança, o encontro pôde acontecer genuinamente, e a fotografia foi, por fim, registrada.

Paciência.

Sim, paciência é uma das "condições necessárias para um analista" descritas por Davi Zi-



Tartaruga-gigante-das-galápagos na orla da cratera do vulcão Alcedo, na ilha Isabela. Esses animais podem pesar até 250 quilos e viver mais de 150 anos. Fotografia de Sebastião Salgado (Galápagos, Equador, 2004).
Fonte: Amazonas Images.

merman, que ressaltou que a paciência é ativa. De pronto, ele apresenta a etimologia da palavra "paciência", vinda de *pathos*, que em grego significa "sofrimento". Assim, "o analista deve ter a condição de suportar a dor da espera". Zimerman, inspirado por Bion, trouxe a ideia de que, se o psicanalista tiver paciência, se ficar e não fugir, se continuar observando o paciente, "vai emergir um padrão". Daí a necessidade de esperar, aguardar, observar, espreitar... Dessa maneira acontece o encontro do fotógrafo com o psicanalista.

Sebastião Salgado diz que é preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer, pois algo necessariamente vai acontecer. Na análise, há o mesmo desenrolar: espera-se porque algo vai acontecer. Não sabemos quando nem o que vai acontecer, mas sabemos que a paciência é uma das molas que dão movimento ao processo analítico. Arrisco dizer que, assim como o incosciente, a paciência é atemporal.

Ao paciente que está na sala de espera, sugiro que aguarde, pois, ao entrar na sala do analista, algo necessariamente vai acontecer. Ao analista, idem, algo necessariamente acontecerá.

Referência

SALGADO, S. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2014.

Onde vai o pai?

Ricardo Siqueira Remião[6]



Crouching figure of Atlas, Baldassare Peruzzi

Onde vai o pai? Essa pergunta era feita por mim, quando pequeno, na esperança de entender por que meu pai se ausentava para ir trabalhar. Essa memória reiteradamente vem até mim ao longo da minha trajetória como psicanalista. A partir daí, me propus a pensar: até onde vai o conceito de Pai em psicanálise?

Quando penso na figura do pai e na função paterna, surge em minha mente a imagem do titã Atlas, deidade que, ao ser derrotada pelos deuses do Olimpo, é condenada a segurar eternamente o peso do firmamento nas costas. Penso nessa cena épica pois é a essas alturas que Freud eleva a figura do pai ao longo da sua obra. Em seus escritos, o Pai é responsável pela congruência da trama familiar e do tecido social, seja pela exaltação de sua autoridade (FREUD, 1921) ou pelo seu sacrifício, que lhe confere uma posição ainda mais poderosa (FREUD, 1913). Nessa mesma esteira de pensamento, Lacan transfere a figura do pai ao plano simbólico. Diz ele: "o pai é um significante

6 Membro provisório do CEPdePA.

que substitui um outro significante" (LACAN, 1957-1958, p. 180). A transformação do conceito ocorre a ponto de chegarmos à ideia de que a função paterna é outorgada a *qualquer coisa* que opere um corte na relação do *infans* com seu objeto de amor primordial. A sofisticação desse pensamento é inegável, e a partir daí me ponho a pensar no seguinte: por que então usamos essa palavra? Ou melhor, seria o significante "pai" o mais adequado para contemplar *todos* os objetos passíveis de cumprir essa função?

A proposição de tal questionamento não visa à mudança semântica de termos para um fim meramente estético ou à derrocada do pensamento psicanalítico numa espécie de anarquia epistemológica. Pelo contrário, a separação do conceito de Pai dessa *função terceira* — organizadora dos sujeitos na sociedade — parece ter um resultado benéfico. Com ela, o pensamento psicanalítico se encontraria mais apto a dialogar com as transformações sociopolíticas proeminentes no último século, principalmente as relacionadas à compreensão de outras formas possíveis de parentalidade (famílias homoparentais ou monoparentais, por exemplo), evitando, assim, uma tendência patologizante daquilo que não foi anteriormente preconizado pela psicanálise. O pai sujeito de carne e osso não se encontraria nessa "sinuca de bico" ao tentar cumprir, imaginariamente, uma função que é em essência simbólica, a qual transcende absolutamente a figura de um homem.

Não me entendam errado: amo os meus pais psicanalíticos. É justamente por esse furor apaixonado que desejaria ver esse conceito transitando livre do peso insustentável de uma responsabilidade, talvez, indevidamente atribuída.

Referências

FREUD, S. (1913). Totem e tabu. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-194. (Edição standard brasileira, 13).

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 13-113. (Obras completas, 15).

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-171. (Edição standard brasileira, 21).

LACAN, J. **O seminário**: livro 5: as formações do inconsciente: 1956-1957. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.



Novidades nas Bibliotecas

CEPdePA

BÉJAR, Victoria Regina (Org.). **Dor psíquica, dor corporal:** uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Blucher, 2017. 436 p.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **A mente do analista.** 3. ed. ampl. São Paulo: Escuta, 2022. 166 p.

GABARRON-GARCIA, Florent. **Uma história da psicanálise popular**. Tradução Célia Euvaldo, Prefácio Christian Dunker. São Paulo: Ubu, 2023. 215 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. 5. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

HENTZ, Rita *et al*. **Ferenczi**: a arte da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2023. 346 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

KWAME, Yonatan Poli dos Santos. **Por um fio**: uma escuta das diásporas pulsionais. Curitiba: Calligraphie, 2023. 206 p.

MINERBO, Marion. **Neurose e não neurose**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019. 317 p. (Psicanálise Contemporânea).

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente:** significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021. 190 p. (Palavras Negras).

OGDEN, Thomas H. **Meias verdades:** um romance. Tradução Ester Hadassa Sandler. São Paulo: Blucher, 2017. 240 p.

PAIM FILHO, Ignácio Alves. **Inconfidências metapsicológicas:** das unheimliche. Porto Alegre: Sulina, 2019. 238 p.

PAIM, Augusto Maschke; PAIM FILHO, Ignácio Alves. **Racismo e psicanálise:** a saída da grande noite. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023. 184 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:** branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020. 215 p.

SILVA, Carla. **Técnicas e recursos terapêuticos:** 100[cem] ideias para estimular diálogos com crianças e adolescentes. São Paulo: Matrix, 2022. 100 p.

SOUZA, Neusa Santos. **A psicose:** um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 174 p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 6. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.

TABACOF, Diana. **Clínica da excitação**: psicossomática e traumatismo. São Paulo: Blucher, 2021. 221 p. (Psicanálise Contemporânea).

VIEIRA, Carlos. **O olhar do psicanalista:** crônicas. Brasília: Technopolitik, 2018. 158 p.

WILLIAMS, Meg Harris. **O sonho de Bion**: uma leitura das autobiografias. Tradução e notas Luiz Uchôa Junqueira Filho. São Paulo: Blucher, 2018. 169 p.

CEPSerra

BÉJAR, Victoria Regina (Org.). **Dor psíquica, dor corporal:** uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Blucher, 2017. 436 p.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. **A mente do analista.** 3. ed. ampl. São Paulo: Escuta, 2022. 166 p.

GABARRON-GARCIA, Florent. **Uma história da**

psicanálise popular. Tradução Célia Euvaldo, Prefácio Christian Dunker. São Paulo: Ubu, 2023. 215 p.

GARDEL, Stênio. **A palavra que resta.** 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 151 p.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. 5. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375 p.

KANG, Han. **A vegetariana.** Tradução JaeHyung Woo. São Paulo: Todavia, 2018. 171 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

MINERBO, Marion. **Neurose e não neurose**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2019. 317 p. (Psicanálise Contemporânea).

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente:** significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021. 190 p. (Palavras Negras).

OGDEN, Thomas H. **Meias verdades:** um romance. Tradução Ester Hadassa Sandler. São Paulo: Blucher, 2017. 240 p.

PAIM FILHO, Ignácio Alves. **Inconfidências metapsicológicas:** das unheimliche. Porto Alegre: Sulina, 2019. 238 p.

PAIM, Augusto Maschke; PAIM FILHO, Ignácio Alves. **Racismo e psicanálise:** a saída da grande noite. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023. 184 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:** branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020. 215 p.

SILVA, Carla. **Técnicas e recursos terapêuticos:** 100[cem] ideias para estimular diálogos com crianças e adolescentes. São Paulo: Matrix, 2022. 100 p.

SOUZA, Neusa Santos. **A psicose:** um estudo lacaniano. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 174 p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 6. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 171 p.

TABACOF, Diana. **Clínica da excitação:** psicossomática e traumatismo. São Paulo: Blucher, 2021. 221 p. (Psicanálise Contemporânea).

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 749 p.

WILLIAMS, Meg Harris. **O sonho de Bion**: uma leitura das autobiografias. Tradução e notas Luiz Uchôa Junqueira Filho. São Paulo: Blucher, 2018. 169 p.

Atendimento da Biblioteca do CEPdePA:

Segundas, terças e sextas - 10h às 16h
Quartas e quintas - 14h às 20h

CONTATO:

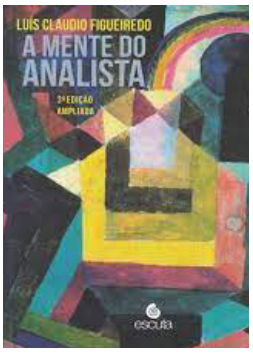
WhatsApp: (51) 99526-2423
E-mail: biblioteca@cepdepa.com.br

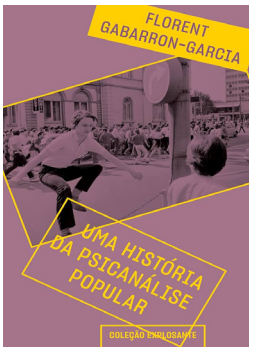
ACESSE:

Catálogo: https://cepdepa.phlnet.com.br
Revistas do CEPdePA: http://cepdepa.com.br/revistas/


Organizadora
Victoria Regina Béjar
PSICANÁLISE
Dor psíquica, dor corporal
Uma abordagem multidisciplinar
Blucher




LUIS CLAUDIO FIGUEIREDO
A MENTE DO ANALISTA
2ª EDIÇÃO AMPLIADA
escuta


FLORENT GABARRON-GARCIA
UMA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE POPULAR
COLEÇÃO EXPLORANDO

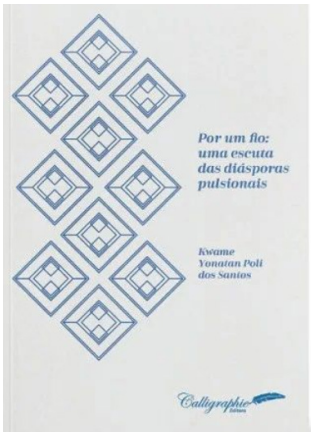

POR UM FEMINISMO AFRO LATINO AMERICANO
LÉLIA GONZALEZ
ZAHAR




PSICANÁLISE
Meg Harris Williams
O sonho de Bion
Uma leitura das autobiografias
Blucher

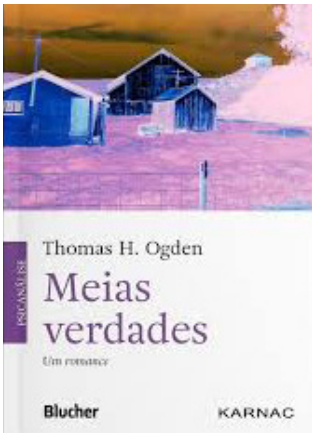

PSICANÁLISE
Ferenczi
A arte da psicanálise
Blucher


IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO
AILTON KRENAK


Por um fio: uma escuta das diásporas pulsionais
Kwame Yonatan Poli dos Santos
Callygraphic


Marion Minerbo
Neurose e não neurose
Blucher


A COR DO INCONSCIENTE
Significações do Corpo Negro
ISILDINHA BAPTISTA NOGUEIRA


Thomas H. Ogden
Meias verdades
Blucher
KARNAC


Ignácio Alves Paim Filho
Inconfidências Metapsicológicas Das Unheimliche


RACISMO E PSICANÁLISE
A Saída da Grande Noite
Augusto Moschke Paim
Ignacio A. Paim Filho


Carla Silva
Técnicas e Recursos Terapêuticos
100 ideias para estimular diálogos com crianças e adolescentes


TORNAR-SE NEGRO
NEUSA SANTOS SOUZA
ZAHAR


Diana Tabacof
PSICANÁLISE
Clínica da excitação
Psicossomática e traumatismo
Blucher

Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre/Serra

CEP PA

PORTO ALEGRE
Rua Tobias da Silva, 287.
Moinhos de Vento, Porto Alegre/RS
(51) 3222-3900
cepdepa@cepdepa.com.br

CAXIAS DO SUL
Rua Sinimbu, 973
Nossa Senhora de Lourdes - Caxias do Sul/RS
(54) 3223-3209 e (54) 98416 6397
cepserra@cepdepa.com.br

www.cepdepa.com.br